Artigo
DOI | 10.21680/1981-1802.2026v64n81ID44842
Revista Educação em Questão

A crise estética como crise no diálogo: A *Paideia* no cronotopo da seca em *Morte e Vida Severina*

Tiago Gonçalves Camargo
Milena Moretto
Universidade São Francisco (Brasil)
Carlos Roberto da Silveira
Centro Universitário Patos de Minas (Brasil)

Resumo

O presente artigo analisa a crise da educação brasileira contemporânea como, primeiramente – e fundamentalmente –, uma crise estética e dialógica. A investigação articula o ideal formativo da *Paideia*, entendida como formação humana integral, de Werner Jaeger, e a crítica de Herbert Marcuse à razão instrumental, que neutraliza o potencial de negação da arte. O conceito de monologismo, de Mikhail Bakhtin, ampara a manifestação dessa instrumentalização, que anula o sujeito, silenciando-o. A tese é demonstrada pela análise dialógica da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, na qual a jornada do retirante Severino figura o cronotopo da seca, o ápice do acabamento monológico, e a cena final, com o nascimento e o diálogo com o Mestre Carpina, figura a ruptura exotópica. Conclui-se que a superação da crise estética e dialógica na educação depende da restituição do diálogo e da *poíesis* como fundamentos éticos da formação humana.

Palavras-chave: Paideia. Crise na educação. Morte e Vida Severina. Monologismo.

The aesthetic crisis as a crisis in dialogue: *Paideia* in the chronotope of drought in *Morte e Vida Severina* (Death and Life of Severino)

Abstract

This article analyzes the contemporary crisis of Brazilian education as, first and foremost — and fundamentally —, an aesthetic and dialogical crisis. The investigation connects the formative ideal of *Paideia*, understood as integral human formation, according to Werner Jaeger, with Herbert Marcuse's critique of instrumental reason, which neutralizes art's potential for negation. Mikhail Bakhtin's concept of monologism supports the manifestation of this instrumentalization, which nullifies and silences the individual. This thesis is demonstrated through a dialogical analysis of João Cabral de Melo Neto's work *Morte e Vida Severina*, in which the journey of the migrant Severino embodies the chronotope of the drought, the apex of monological closure, and the final scene, with the birth and the dialogue with Mestre Carpina, embodies a rupture of exotopia. It is concluded that overcoming this aesthetic and dialogical crisis in education depends on restoring dialogue and poiesis as the ethical foundations of human formation.

Keywords: Paideia. Crisis in education. Morte e Vida Severina. Monologism.

La crisis estética como crisis del diálogo: la *Paideia* en el cronotopo de la sequía en *Morte e Vida Severina* (Muerte y Vida Severina)

Resumen

El presente artículo analiza la crisis de la educación brasileña contemporánea como, en primer lugar — y fundamentalmente —, una crisis estética y dialógica. La investigación articula el ideal formativo de la *Paideia*, entendida como formación humana integral, según Werner Jaeger, y la crítica de Herbert Marcuse a la razón instrumental, que neutraliza el potencial crítico del arte. El concepto de monologismo de Mikhail Bakhtin respalda la manifestación de esta instrumentalización, que anula al sujeto, silenciándolo. La tesis se

demuestra a través del análisis dialógico de la obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, en la que el viaje del migrante Severino ilustra el cronotopo de la sequía, el punto álgido del cierre del monologismo y la escena final, con el nacimiento y el diálogo con el Maestro Carpina, ilustra la ruptura de la extraposición. Se concluye que la superación de la crisis estética y dialógica en la educación depende del restablecimiento del diálogo y de la poiesis como fundamentos éticos de la formación humana.

Palabras clave: *Paideia*. Crisis en la educación. Morte e Vida Severina. Monologismo.

Considerações iniciais

O ideal clássico de formação integral do sujeito – moral, ética e estética – na contemporaneidade está em crise frente ao avanço da racionalidade técnica, instrumental e utilitária, mormente influenciada pelo neoliberalismo. Na educação brasileira, esse declínio é multifacetado, gerando as mais diversas discussões sob diferentes horizontes ideológicos, políticos, econômicos e estruturais. Uma dimensão, por vezes, menos explorada no debate é a estética, desvelando-nos a hipótese de que o sistema educacional, imbuído da lógica neoliberal, propositadamente a despreza, pois a formação de sujeitos sensíveis, críticos e (re)significadores de seu percurso de aprendizagem, de sua própria história e, por consequência, da sociedade representa uma ameaça às suas prerrogativas.

Nossa discussão tem uma intenção dialógica, articulando a teoria clássica da *Paideia* como ideal de cultura e excelência humana, mormente o logos de Werner Jaeger como ato de criação e ética, a crítica de Herbert Marcuse à sociedade unidimensional e à instrumentalização da cultura, a *techné* e a teoria enunciativo-discursiva de Mikhail Bakhtin, nos conceitos de cronotopo e polifonia. A obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, nos amparará na análise dialética como a metáfora e a amálgama da crise estética da educação, uma vez que é a sua dramatização poética. A jornada de Severino é a representação do cronotopo monológico da seca é o desfecho, a conversa com o mestre Carpina e contemplação da

cena do nascimento do menino, a busca pela ruptura dialógica e pelo resgate da *poíesis* (a criação).

Queremos fundamentar, através dos autores e suas concepções, que a crise da *Paideia* é, fundamentalmente, uma crise estética e dialógica. Por conseguinte, os desafios da educação contemporânea brasileira refletem a instrumentalização da vida, perpetuada através do monologismo que silencia e anula o sujeito.

Nosso percurso partirá da definição da crise da *Paideia*, seguida da análise dos conceitos bakhtinianos de monologismo, polifonia e cronotopo, que dialogará com a obra de João Cabral, desembocando em uma resposta dialética.

O ideal da *Paideia* e a crise estética

A *Paideia* é o ideal de cultura que molda a *polis* e o sujeito. Por cultura, os gregos consideravam "[...] a totalidade de sua obra criadora em relação aos outros povos da Antiguidade de que foram herdeiros" (Jaeger, 1995, p. 7), influenciando a nossa compreensão moderna, mais antropológico-descritiva, de que ela é "[...] a totalidade das manifestações e formas de vida que caracterizam um povo [...]" (Jaeger, 1995, p. 78). Ela é contornada, na contemporaneidade, por horizontes ideológicos utilitários, técnicos e instrumentalizadores e serve-se de "[...] um produto deteriorado, uma derradeira metamorfose do conceito grego originário" (Jaeger, 1995, p. 8). Se temos indicações dos rastros da crise que pretendemos perscrutar, a mercantilização cultural é a primeira.

Nesse sentido, encontramos a educação, que, inerente à cultura, é comunitária acima de tudo. Para os gregos, ninguém é excluído da comunidade – considerando que o cidadão era o homem livre, filho de pais atenienses, maior de idade, com direito à participação da vida política da *polis*. Apesar disso, a educação era uma empreitada de todos e um caminho de formação integral do sujeito. Educar, para o povo grego, no entanto, não se restringia a municiar o sujeito da *techné*, das habilidades técnicas para sobreviver, antes, era configurá-lo aos apelos do logos, ou seja, da palavra

ou da razão, que origina, envolve e impulsiona o ato criativo e responsável, valendo-se da arte, sobretudo a poesia, num movimento antropoplástico.

> Colocar estes conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras, é uma ideia ousada e criadora que só podia amadurecer no espírito daquele povo artista e pensador. A mais alta obra de arte que o seu anelo se propôs foi a criação do Homem vivo. Os Gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente (Jaeger, 1995, p. 13).

Se educar é criar o homem vivo, deixá-lo viver é urgente. A *Paideia*, assim, transcende a concepção escolarizada que reforçamos como utilitarismo no hoje da história. Ela reveste o percurso de naturalidade e de compromisso ético partilhado por e entre todos, na busca de dar ao sujeito uma envergadura interna, que reflete no exterior, tornando-o nobre, belo e bom (*kalos kagathos*), ou virtuoso.

Como já afirmamos, a poesia e a arte assumem um espaço de extrema relevância na educação, pois elas não são lazer para os gregos, mas a estrada principal para essa formação integral, ética, moral e social. Afirma Jaeger (1995, p. 63) que, embora seja educativa, a poesia só pode sê-la se enraizada "[...] nas camadas mais profundas do ser humano e na qual viva um *ethos*, um anseio espiritual, uma imagem do humano capaz de se tornar uma obrigação e um dever [...]". Ela é fonte e força de transformação da mentalidade, de metanoia, penetrando na vida real e, ao mesmo tempo, na realidade espiritual, amalgamando o físico e o metafísico, conduzindo o sujeito aos limiares da excelência de seu ser, à *areté*.

O segundo rastro deixado pela crise que pretendemos perscrutar neste itinerário aproxima-se da *Paideia*, uma vez que se debruça sobre a cultura, enfatizando, todavia, seu caráter afirmativo. Herbert Marcuse (2007), em sua obra A *dimensão estética*, provoca-nos à reflexão acerca da coincidência entre o político e o estético. Para o filósofo da escola de Frankfurt[1], a absorção da arte pela sociedade burguesa moderna fez com que ela se neutralizasse. Se para os gregos era instrumento de transformação, foi

transformada na modernidade em objeto de consumo, mercadoria de consolo inofensivo e mero artefato decorativo.

A arte é a principal via da *Paideia*, pois seu amortecimento nos revela que o veículo de formação humana integral foi esvaziado e, consequentemente, sujeitou-se à ideologia dominante e se tornou mantenedor de sua hegemonia. Para que sua força crítica e emancipadora sobreviva, é importante que ela (re)encontre sua autonomia – para nós, bakhtinianos, é importante que ela (re)signifique sua voz – e isso se dá, para Marcuse, por meio da forma estética, companheira da verdade e da libertação.

> A arte empenha-se na percepção do mundo que aliena os indivíduos da sua existência e atuação funcionais na sociedade – está comprometida numa emancipação da sensibilidade, da imaginação e da razão em todas as esferas da subjetividade e da objetividade. A transformação estética torna-se um veículo de reconhecimento e de acusação. Mas essa transformação pressupõe um grau de autonomia que a subtrai ao poder mistificador do monopólio da realidade e possibilita a figuração da sua própria verdade. Enquanto o homem e a natureza não existirem numa sociedade livre, as suas potencialidades reprimidas e distorcidas só podem ser representadas numa forma alienante. O mundo da arte é o de outro Princípio da Realidade, de alienação – e só como alienação é que a arte cumpre uma função cognitiva: comunica verdades não comunicáveis noutra linguagem; contradiz (Marcuse, 2007, p. 19).

Vale, contudo, aprofundar a noção de razão instrumental tal qual Marcuse (2007) a herda da tradição frankfurtiana. Para ele, a razão técnica carrega em si um projeto de dominação que se estende da natureza à subjetividade humana. Na esfera educacional, essa razão se traduz em currículos orientados exclusivamente pela empregabilidade, pela mensuração de competências e pelo desempenho em avaliações padronizadas. A arte, quando reduzida a um momento de lazer ou a um conteúdo meramente informativo, perde sua força de negação. O que Marcuse (2007) denomina *princípio de realidade*, que é a adaptação do sujeito às exigências do sistema, torna-se o horizonte único na escola. A *Paideia*, que para os gregos era o cultivo do homem inteiro, é assim substituída por um treinamento fragmentado em que o sensível, o poético e o dialógico são vistos como supérfluos. Essa supressão

é deliberada? Não necessariamente de forma consciente, antes, reflete e refrata horizontes estruturais: um sistema que forma sujeitos sensíveis à contradição, à beleza e à alteridade dificilmente reproduziria as condições de sua própria dominação. Eis o porquê de a crise estética ser também uma crise política.

Nesse esteio de a *Paideia* ter sido instrumentalizada, nossa discussão encontra um terreno dialógico. A educação brasileira contemporânea foi também dominada por essa lógica funcional, preocupando-se em apenas preparar o indivíduo para o trabalho e, por conseguinte, para a manutenção do *status quo*, amputando seu potencial estético e crítico. Marcuse (2007, p. 24-25) sinaliza que "[...] a emergência de seres humanos como 'seres genéricos' – homens e mulheres capazes de viver nessa comunidade de liberdade que é o potencial da espécie [...]" é a condição *sine qua non* para a subjetividade de uma sociedade hegemônica e monológica. Destarte, a formação se torna instrução, o logos se torna um cálculo e o sujeito deixa de sonhar, de negar, de criticar, de criar e de transformar.

Seguimos nosso itinerário, perseguindo os rastros deixados pela crise da *Paideia* como uma crise estética e dialógica, que intencionamos perscrutar, conduzidos pelo arcabouço teórico de Bakhtin e seu Círculo, que nos oferece como ferramentas o cronotopo e a polifonia versus o monologismo para analisarmos a linguagem e o espaço-tempo da sociedade instrumentalizada.

A lógica monológica e a crise do logos na formação

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) foi um influente filósofo, linguista e teórico da literatura russa, cujas proposições revolucionaram os estudos da linguagem e da cultura. Dentre os seus conceitos mais importantes estão o dialogismo, a polifonia, a carnavalização e os estudos acerca dos gêneros do discurso. Para nosso percurso interessam as suas noções de monologismo versus dialogismo, polifonia e cronotopo na análise discursiva. Para Bakhtin, portanto, a linguagem é concebida essencialmente como dialógica, ou seja, toda palavra é um lugar privilegiado de encontro entre o eu e o outro, carregada e costurada por diversas vozes e sentidos sociais.

Vale reforçar que, embora revolucionário, Bakhtin não foi um pensador solitário. Antes, foi a figura central de um grupo de intelectuais que compartilhavam, principalmente nos anos 1920, interesses comuns em filosofia, linguística, psicologia e teoria literária, conhecido como Círculo de Bakhtin. Nomes como Valentin Volochinov e Pavel Medviév contribuíram significativamente com a produção desse círculo de estudos e, juntos, desenvolveram uma abordagem inovadora, principalmente para a filosofia da linguagem, criticando tanto o formalismo russo quando o marxismo ortodoxo. Para o grupo, a linguagem não podia ser estudada e compreendida de forma abstrata, mas como um fenômeno social, historicamente situado e ideologicamente sustentado.

Para nós, a construção de um pensamento coletivo que compreende a natureza social da linguagem e do discurso é fulcral, uma vez que nos propomos a seguir os rastros da crise estética e dialógica, que pressupomos refletir sobre a educação brasileira contemporânea, mecanizada e amplificadora de vozes monológicas, interessadas na homogeneização dos sujeitos e em sua instrumentalização. Surgida nas discussões literárias bakhtinianas, a concepção de monologismo não nos apresenta apenas no terreno da arte da linguagem. Se no romance, em alguns casos, a voz do autor é a única a ser ouvida, na educação, como já afirmamos, desvela uma estrutura ideológica que busca impor uma consciência única e autoritária sobre a realidade. O dialogismo, ao contrário, é a palavra na dança do encontro. Para os horizontes bakhtinianos, a língua só existe, é construída e (re)significada quando a minha palavra, transformada em discurso através de um enunciado[2], encontra-se – e desencontra-se – com a palavra do outro, de forma responsiva e responsável. É na alteridade e na tensão ideológica que o material sígnico se transfigura e, consequentemente, transfigura o sujeito social.

> A palavra diálogo, ao contrário, é bem entendida, no contexto bakhtiniano, como reação do eu ao outro, como "reação da palavra à palavra de outrem", como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre o círculo de valores, entre forças sociais. A essa perspectiva, interessa não a palavra passiva e solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais... (Marchezan, 2023, p. 123).

Nesse sentido, a crítica de Marcuse (2007) à razão instrumental – *techné* – vigente no hoje da história entra na ciranda com passos firmes. Na busca pela hegemonia, a lógica da *techné* anula os discursos desviantes e impertinentes, pois é a única verdade legítima que deve ser imposta. É a única voz que a *Paideia* utilitarista reproduz.

O Círculo de Bakhtin, por sua vez, aponta-nos um outro rastro para perscrutarmos a crise estética que o monologismo engendra: a polifonia, um conceito que descreve a multiplicidade de vozes – e consciências –, que convivem e interagem na arena ideológica da linguagem. Bakhtin (2002) apresenta essa noção, emprestando-a da teoria musical, como o cruzamento das vozes em uma composição, quando reflete o romance polifônico na obra de Dostoiévski, cujas personagens não são objetos do discurso do autor, mas sujeitos de seus próprios discursos. O monologismo, ao eliminar a polifonia, restringe a linguagem a um caráter funcional, ideal para a educação tecnicista, mas estéril para a *Paideia* e distante da *areté*.

O monologismo, quando tornado fulcro do processo educacional, absorve a palavra de outrem, substituindo o diálogo pela catequese funcional, a formação integral para a excelência e a nobreza pelo acabamento do objeto e do sujeito, finalizando-o, definindo-o por seu papel e utilidade, pelas habilidades que domina. Não deixa frestas para o devir[3] ou para a surpresa que dele descende – para a sensibilidade e a humanidade. O indivíduo não se apropria do conhecimento de forma criativa e dialógica, antes, para ser repetido e incorporado em seu autoritarismo e irrefutabilidade passivos. O discurso, quando serve a esse acabamento, não permite a criação – o logos, a *poíesis* – uma vez que ela depende da exotopia[4] e da imprevisibilidade da enunciação. O monologismo é, portanto, a negação estética da formação.

Estamos nos aproximando da foz desse rio, que nos guia no percurso de perscrutação da crise na educação como crise estética derivada da crise dialógica contemporânea. A *Paideia* é a formação integral do sujeito, nela, a poesia, bem como a oratória – o logos – são atos de criação, que despertam a sensibilidade e humanizam o indivíduo. O monologismo, como vimos, destrói essa função à medida que instrumentaliza a palavra, esvaziando-a de seu valor ético e dialógico e, reduzindo-a à lógica da *techné*, faz com que ela perca seu potencial de engajamento e de responsabilidade para com o outro.

Para Bakhtin (2002, p. 197), "[...] a maneira individual pela qual o homem constrói seu discurso é determinada consideravelmente pela sua capacidade inata de sentir a palavra do outro e os meios de reagir diante dela".

Para nós, esse inatismo não existe. Ele é formado e a *Paideia* alicerça esse processo de inerência. O homem, portanto, forma-se com tamanha qualidade ao ponto de se enlear à capacidade de ouvir – e sentir – a palavra do outro, ou de outrem.

Essa falência do logos criador é o que será dramatizado e encarnado no protagonista de João Cabral de Melo Neto, em sua obra *Morte e Vida Severina*, cuja fala inicial é apenas a repetição de seu nome-rótulo, sintoma máximo do sujeito monologicamente acabado pela miséria

> O meu nome é Severino,
> não tenho outro de pia.
> Como há muitos Severinos,
> que é santo de romaria,
> deram então de me chamar
> Severino de Maria;
> como há muitos Severinos
> com mães chamadas Maria,
> fiquei sendo o da Maria
> do finado Zacarias.
> Mas isso ainda diz pouco...
> (Melo Neto, 2007, p. 91).

Repetir o nome-rótulo diz pouco sobre esse companheiro que nos ajudará na estrada da morte monológica à vida dialógica. Sigamos, discutindo o cronotopo da seca figurativizando a nossa crise.

O cronotopo da seca

Marília Amorim (2023) ampara-nos, nos primeiros passos dessa trajetória severina, com a conceituação de cronotopo para Bakhtin, que expressa a relação equilibrada espaço-tempo no texto literário. Esse conceito

> Bakhtin toma-o emprestado à matemática e à teoria da relatividade de Einstein para exprimir a *indissolubilidade da relação entre espaço e o tempo*, sendo este último definido como a quarta dimensão do primeiro. O cronotopo em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a *fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto* (Amorim, 2023, p 102, grifos nossos e da autora).

Amorim (2023) lança mão da metáfora da estrada para exemplificar o conceito exposto, o que para nós é de extremo valor, uma vez que nosso protagonista percorre uma jornada que deveria ser o cronotopo de um lugar de encontros que mudam a vida, mas que se mostra frustrada (Pinheiro Neto; Cavalcante, 2009). João Cabral de Melo Neto, em seu *Auto de Natal Pernambucano*, publicado em 1955,

> […] conta o roteiro de Severino, um homem do Agreste que vai em demanda do litoral e topa em cada parada com a morte, presença anônima e coletiva, até que no último pouso lhe chega a nova do nascimento de um menino, signo de que algo resiste à constante negação da existência (Bosi, 2006, p. 471).

A seca que obriga Severino a migrar altera o tempo e o espaço. O primeiro é ilimitado e não determinado, é a própria sina, enquanto o segundo é, embora demarcado – sertão, agreste e mata – o símbolo da exclusão social (Bispo, 2009). Nesse cronotopo da seca, o tempo não é de transformação, como concebe Bakhtin (Amorim, 2023), mas de permanência da miséria. Severino, ao longo do trajeto, encontra apenas a mesmice que frustra suas expectativas (Bispo, 2009). Também sua viagem, guiada pelo rio Capibaribe, que está seco, simboliza que a natureza falha em seu propósito e o caminho, o espaço-tempo, não avança (Pinheiro Neto; Cavalcante, 2009).

O espaço árido se reflete, ainda, na anulação da identidade "[…] quando o protagonista, Severino, na tentativa de apresentar-se, apresenta muito mais a sua condição de carência e subordinação, assumindo a identidade da subclasse" (Bispo, 2009, p. 191). Podemos observar em um outro trecho da fala inicial de nosso protagonista, que repete seu nome-rótulo

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
[...]
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passe a ser o Severino
que em vossa presença emigra
(Melo Neto, 2007, p. 92-93).

O nome Severino é, ironicamente, retirado de sua singularidade. O retirante deixa de ser um sujeito e se torna uma classe.

> Severino, nosso protagonista, é nome dado com grande frequência aos nascidos na região nordestina e no texto passa de substantivo próprio a substantivo comum, porque de identificação individual transforma-se em coletiva, resumindo não mais um ser, mas toda uma sociedade. Ainda transforma- se em adjetivo porque qualifica a existência negada, demonstrando toda uma nação de sofredores que busca, a cada dia sobreviver, mesmo dentro de uma penúria exacerbada, no texto conhecida como *vida severina* (Pinheiro Neto; Cavalcante, 2009, p. 76).

Essa anulação individual se alinha à noção de Marlucy Mary Gama Bispo (2009): a identidade da subclasse é a ausência de singularidade e o apagamento das feições do sujeito, definindo-o pela miséria e inferioridade. Ao repetir seu nome-rótulo, o retirante atesta a fixação e o acabamento impostos pela condição social. Ele não fala a sua história, apenas repete a sina. O monologismo da escassez lhe nega a voz e o horizonte sem fim de quem vive no puro devir (Amorim, 2023, p. 96).

Um último cenário que precisamos contemplar antes de chegarmos na foz desse rio da crise estética como crise dialógica é a morte instrumentalizada. Na obra de João Cabral, a morte não é apenas um evento existencial profundo, como nas tragédias gregas, mas uma rotina quantificável, uma estatística. Ela, que deveria ser a marca da decadência humana e seu fim inevitável, torna-se um ato burocrático ou socialmente determinado, apresentando-se de três formas ao nosso retirante: a morte morrida, a morte matada e a morte em vida (Pinheiro Neto; Cavalcante, 2009).

A primeira é uma experiência que Severino vive ao ver dois homens carregando uma mortalha

- A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?
dizei que eu saiba.
[...]
- Severino Lavrador,
irmão das almas,
Severino Lavrador,
mas já não lavra.
[...]
- E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa morte foi morrida
ou foi matada?
- Até que não foi morte morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,

numa emboscada.
[...]
- E o que havia ele feito,
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a *tal pássara*?[5]
- Ter uns hectares de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada
que cultivava
(Melo Neto, 2007, p. 93-95).

Notemos que essa morte foi encomendada. Nos quartetos seguintes, os *irmãos das almas* explicam ao retirante que o *Severino Lavrador* foi assassinado por querer espalhar a sua lavoura, mesmo a terra sendo árida e estéril. Dialogicamente, essa realidade foi enfrentada por aquele que recebe o nome-rótulo agrícola devido à violência social e à grilagem.

A segunda "[...] o autor descreve como sendo aquela que chega antes dos trinta anos de idade, enfatizando ser essa que se morre de fome um pouco a cada dia [...]" (Pinheiro Neto; Cavalcante, 2009, p. 82), já se relacionando com a terceira, que é morrer em vida

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
[...]

Decerto a gente daqui
jamais envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte, severina
(Melo Neto, 2007, p. 92; 106).

Se a morte está sempre à espreita de nosso retirante, ela é instrumentalizada no cronotopo da seca e torna-se ofício, mercadoria ou serviço. Os coveiros e as carpideiras figurativizam essa relação do sertanejo com a realidade última do ser humano

- Agora me permite
minha vez de perguntar:
como a senhora, comadre,
pode manter o seu lar?
- Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como a morte aqui é tanta,
vivo de a morte ajudar.
- E ainda me permite
que lhe volte a perguntar:
é aqui uma profissão
trabalho tão singular?
- É, sim, uma profissão,
e a melhor de quantas há:
sou de toda a região
rezadora titular.
[...]
- Como a morte aqui é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar
(Melo Neto, 2007, p. 104-105).

A tipologia das mortes proposta por Pinheiro Neto e Cavalcante (2009) pode ser lida, sob os horizontes bakhtinianos, como gradações do

monologismo. A *morte morrida*, aquela que vem por doença ou velhice, ainda guardaria um resto de narrativa pessoal. Já a *morte matada* é inteiramente heterônima: o sujeito é silenciado pela violência social, seu nome vira estatística. A *morte em vida*, por sua vez, é o estágio mais radical do acabamento monológico: o sujeito vive, mas já não fala, repete gestos, obedece, consome, mas não cria. É o que ocorre com os Severinos que não migram e permanecem na miséria resignada. João Cabral (2007), ao descrever a morte como "ofício ou bazar", denuncia a transformação do morrer em mercadoria, algo que a sociedade neoliberal aperfeiçoou ao transformar também o viver em serviço. O retirante que cogita o suicídio está diante da constatação de que sua existência, medida pela razão instrumental, não tem valor de troca. A técnica – o ato de pular da ponte – aparece como solução lógica dentro de um mundo que já o coisificou. A ruptura proposta pelo nascimento do menino é lógico-existencial, introduzindo uma variável nova que nenhum cálculo utilitário poderia prever.

A arte, a *poíesis* de João Cabral, com sua beleza tão enxuta e árida, expõem a crueza desse sistema social que faz até do fim da vida uma técnica para sobrevivência (Bispo, 2009). E a solução técnica que nosso protagonista encontra para sua vida severina é o suicídio. Para ele, "[...] não existe diferença entre vida e morte e que em qualquer momento, numa noite, pular fora da ponte da vida é mera formalidade. Nesse devaneio ele mostra seu dilema – tanto faz estar vivo severinamente ou morto" (Pinheiro Neto; Cavalcante, 2009, p. 78). A morte é o último ato do sujeito no cronotopo da seca, pois ela já o acompanha desde o início da jornada, apressar-lhe é, antes, antecipar o inevitável.

Para dimensionarmos melhor a potência do cronotopo da seca em *Morte e Vida Severina*, propomos um breve desvio por outro poema de João Cabral: *O Cão sem Plumas* (1950), também ambientado no Recife e no rio Capibaribe.

> Aquele rio
> era como um cão sem plumas.
> Nada sabia da chuva azul,
> da fonte cor-de-rosa,
> da água do copo de água,

da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.
Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos polvos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras
(Melo Neto, 2020, p. 101).

Nessa obra, o rio não é seco; ele é um "cão sem plumas", isto é, um cão pelado, sujo, mas ainda assim pulsante. O cronotopo seguinte, do mangue e da água parada, embora miserável, ainda conserva um resto de movimento, uma possibilidade de encontro, ainda que com a podridão. O eu lírico descreve o rio como um fio de água espesso, que não tem pressa e vai enchendo de si os seus próprios vazios.

Entre a paisagem
o rio fluía
como uma espada de líquido espesso.
Como um cão
humilde e espesso.
[...]
Na água do rio,
lentamente,
se vão perdendo
em lama; numa lama
que pouco a pouco
também não pode falar:
que pouco a pouco
ganha os gestos defuntos
da lama;
o sangue de goma,
o olho paralítico

da lama.
Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem
(Melo Neto, 2020, p. 104; 106-107)

Há, na narrativa do poeta, um tempo circular, mas não totalmente estagnado: o lixo flutua, os meninos pescam, as lavadeiras batem roupa. O rio vive "como um cão vivo dentro de um bolso. Como um cão vivo debaixo dos lençóis, debaixo da camisa, da pele" (Melo Neto, 2020, p. 110). Em contraste, o cronotopo da seca em *Morte e Vida Severina* é o tempo parado, o espaço reduzido a pó. O Capibaribe seco não é nem mesmo um cão sem plumas, é um osso sem tutano, uma promessa sem cumprimento.

A obra-prima de João Cabral, nesse contraste, revela-se mais do que uma narrativa de migração, ela figura o grau zero do diálogo. No cronotopo do rio com água, ainda há troca: as lavadeiras conversam, os meninos gritam e se molham uns aos outros. Na seca, a palavra definha porque o próprio logos, o sentido que brota da interação, não encontra ambiente. A carpideira trabalha sozinha, o coveiro calcula em silêncio e Severino fala consigo mesmo, repetindo um nome-rótulo. A seca é, no poema, a metáfora consumada da razão instrumental: tudo se reduz à função de sobreviver e o que não serve a essa função – a pergunta estética, o devaneio, a criação – é descartado. Por isso, o nascimento do menino no final de *Morte e Vida Severina* é tão revolucionário: ele reintroduz a água no leito seco do diálogo. Não por acaso, o mestre Carpina, cujo próprio nome remete à madeira e

à construção, age como o construtor de pontes: ele reinsere Severino na corrente da vida que parecia interrompida.

Esse conflito de nosso retirante é, para nós, o ápice da crise estética, pois a criação de sentido – a *poíesis* – é substituída pela função biológica, o não-ser. Mas ainda não avistamos a foz do rio, embora já sintamos as brumas de suas águas caudalosas. A cena final de *Morte e Vida Severina* não nos vai oferecer uma solução socioeconômica, apesar de crermos que a lógica neoliberal interfere na intensificação dessa crise estética e dialógica, antes, ela nos será uma resposta estética e ética. O nascimento do menino e o diálogo de Severino com o Mestre Carpina configuram uma ruptura dialógica que afirma a vida – o ato responsável bakhtiniano – contra e sobre a morte – o acabamento monológico – resgatando a possibilidade da *Paideia* pela via da exotopia.

Mestre Carpina: **o diálogo e o resgate da *poíesis***

Vimos que a exotopia é o lugar exterior de onde o autor contempla a experiência vivida pelo herói ou sujeito do discurso em uma narrativa literária (Amorim, 2023). É o distanciamento necessário para que a voz de quem vivencia o que se conta ecoe. Na obra de João Cabral, o nosso protagonista se encontra nas cenas finais com o Mestre Carpina. Ele é o outro que se situa em um lugar diferente e, por isso, tem a capacidade de acabamento estético e de juízo ético sobre o ato – o suicídio – de Severino.

A sua fala não é uma pregação sentimentalista. É a afirmação da vida através da materialidade do trabalho e da enunciação.

- Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,
há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?
espera poder um dia
comprá-la em grandes partidas?
- Severino, retirante,
não sei bem o que lhe diga:

não é que espere comprar
em grosso tais partidas,
mas o que compro a retalho
é, de qualquer forma, vida
(Melo Neto, 2007, p. 123).

Seu discurso é o primeiro diálogo genuíno que Severino encontra, pois é um discurso que se responsabiliza pelo seu enunciado. "É difícil defender, só com palavras, a vida [...]", vai compreender nosso protagonista, atingido pela responsividade e ética do Mestre Carpina (Melo Neto, 2007, p. 132). Destarte, José Carpina oferece uma outra ranhura para o chão do cronotopo da seca. Ele insere Severino, que estava no tempo da rotina e do desespero, em um tempo de possibilidade e *devir*: o nascimento. É água vertendo da secura. É flor brotando das frestas.

O nascimento do bebê não é um milagre religioso, embora o texto seja um *Auto de Natal*, é o puro ato de criação, é a *poíesis*. A criança recém-nascida é o novo, o enunciado inédito que rompe o monologismo da sina, da repetição e do nome-rótulo Severino.

- De sua formosura
deixai-me que lhe diga:
é tão belo como um sim
numa sala negativa.
[...]
- Belo porque é uma porta
abrindo-se em mais saídas.
[...]
- Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria.
- Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
- Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia.
- Ou como o caderno novo
quando a gente o principia.
- E belo porque com o novo

todo o velho contagia.
- Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
- Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
- Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria
(Melo Neto, 2007, p. 131-132).

João Cabral tem uma poética que não pretende ser sentimental e, por isso, utiliza uma escrita seca e objetiva para descrever o nascimento do menino, evitando, assim, quaisquer traços de pieguismo que seja incoerente com a jornada de nosso retirante. Isso reforça que a arte verdadeira, a *poíesis* em crise, se revela nos atos mais simples e materiais da vida, aproximando-se dos horizontes bakhtinianos, que rejeitam o abstracionismo nas discussões sobre a linguagem, bem como de sua primeira obra, *Para uma filosofia do ato responsável* (1920/1986), uma vez que o nascimento é, em *Morte e Vida Severina*, a plenitude do ato responsável, pois exige uma resposta única e não substituível – a vida da criança, forçando Severino a abandonar o suicídio, sua solução técnica, e a assumir o ser-no-mundo: a posição-única.

A adesão de Severino à vida é o resgate do ideal da *Paideia*, uma vez que a formação do homem grego não era meramente teórica, mas, acima de tudo, estética, e sua resposta ao drama existencial que lhe envolvia era o reconhecimento do valor da vida, um ato de formação integral.

Severino foi formado através da crise estética, figurativizada no cronotopo da seca, na sua jornada, na experiência de anulação identitária. Rompeu com o monologismo da *techné*, que instrumentaliza até a morte e silencia as vozes, mantendo os sujeitos na repetição submissa das elegias miseráveis. Nosso retirante dialogou e, por isso, criou e ascendeu à uma forma superior de consciência, beirando os limiares da excelência de sua humanidade, a sua *areté*.

Considerações Finais

Ao final deste percurso, reafirma-se a tese que o moveu: a crise da educação brasileira contemporânea é, antes de tudo, uma crise estética que se manifesta como crise dialógica. Essa formulação sintetiza a articulação entre os três eixos teóricos que sustentaram a análise. De Werner Jaeger, herda-se a compreensão da *Paideia* como formação humana integral, na qual a arte – e não apenas a instrução técnica – conduz o sujeito aos limiares de sua *areté*. De Herbert Marcuse, extrai-se a denúncia de que a razão instrumental neutraliza justamente essa potência formativa da arte, reduzindo-a à mercadoria e ao ornamento e submetendo a educação à lógica da técnica em detrimento dos fins éticos. De Mikhail Bakhtin, por fim, deriva-se a categoria que nomeia o resultado dessa neutralização: o monologismo, entendido como o silenciamento da palavra do outro e a imposição de uma consciência única sobre o sujeito.

A leitura de *Morte e Vida Severina* confirmou, no plano estético, essa articulação teórica. O cronotopo da seca revelou-se a figuração poética da instrumentalização descrita por Marcuse: nele, o tempo não é devir, mas repetição; a morte, antes evento existencial, torna-se ofício e estatística; e o sujeito, reduzido ao nome-rótulo Severino, é a imagem exata do acabamento monológico descrito por Bakhtin. A negação da *Paideia*, nesses termos, não é uma tese abstrata, mas um processo que a própria obra dramatiza verso a verso.

A ruptura, contudo, também se demonstrou dialogicamente possível. O encontro de Severino com o Mestre Carpina e o nascimento do menino não resolvem a crise por via socioeconômica – o que seria alheio ao gênero e à proposta do poema –, mas oferecem, no plano estético e ético, a prova de que o monologismo não é destino inescapável. A palavra responsiva de Carpina e o enunciado inédito da criança reintroduzem a exotopia e a *poíesis* no cronotopo seco, restaurando, ainda que precariamente, a possibilidade da *Paideia*. Conclui-se, assim, que a superação da crise estética e dialógica na educação depende menos de ajustes técnicos ou curriculares do que da restituição, na experiência formativa, do lugar do outro: sem alteridade, sem

resposta e sem a *poíesis* que a arte torna possível, a formação regride à instrução e o sujeito, à condição de objeto do próprio discurso.

Em tempos de inteligência artificial e comunicação algorítmica, essa conclusão ganha urgência renovada. Se a palavra verdadeira é, em termos freireanos, um partejar[6], dolorido, imprevisível e, apesar de tudo, esperançado, cabe à educação brasileira contemporânea reaprender, com a poesia de João Cabral, que o diálogo não é mais um recurso pedagógico entre outros, mas uma ética. A redenção da *Paideia*, nesse sentido, reside na capacidade da arte de restaurar a voz do sujeito, afirmar o ato de criação e impeli-lo à responsabilidade irrecusável de sua própria existência.

Notas

1. A Escola de Frankfurt é o berço da Teoria Crítica, pensamento que pretende analisar e denunciar as contradições do capitalismo avançado e da sociedade tecnológica. Seu fulcro é criticar o domínio da razão instrumental, a techné: razão que se preocupa apenas com a eficiência e os meios, a técnica, em detrimento dos fins humanos e éticos, os valores.
2. O enunciado é a unidade real da comunicação verbal, distinto da frase gramatical, com início e fim definidos pela autoria. A enunciação é o ato concreto de sua produção, sempre dialógico: responde a enunciados anteriores e antecipa réplicas. Essa natureza confere ao enunciado valor ético, tornando-o um ato único, irrepetível e responsável (Brait e Melo, 2025).
3. O devir, para Bakhtin, liga-se à condição do sujeito em constante inacabamento. Viver é processo aberto, orientado a um horizonte sem fim. Assim, o sujeito não pode ser herói de si: falta-lhe o olhar exotópico que lhe dê forma. A arte surge como manifestação desse excedente de visão, que confere acabamento ao outro (Amorim, 2023).
4. Exotopia, do grego exo (fora) e topos (lugar), designa a condição do ato criador: o autor se posiciona fora da experiência do outro. Na teoria bakhtiniana, esse outro é o sujeito do discurso. Só desse lugar externo é possível totalizar e dar acabamento estético ao ser, algo que o próprio sujeito não pode realizar por si (Amorim, 2023).
5. O termo se refere aos terceiro e quarto versos do quarteto anterior ao que escolhemos, cujos homens dizem que "[...] sempre há uma bala voando desocupada" (Melo Neto, 2007, p. 94).
6. Partejar, em Paulo Freire, remete à maiêutica socrática: o mestre auxilia o estudante a dar à luz sua própria consciência crítica. É um ato libertador, pois rompe com a passividade e a mera transmissão de conhecimento. A expressão aparece em Pedagogia da Esperança (1992) e Cartas a Cristina (1994).

Referências

AMORIM, Marilia. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2002.

BISPO, Marlucy Mary Gama. **Morte e Vida Severina** – uma análise cultural. Aracaju: UFS, 2009. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/download/5507/4518/15432. Acesso em: 19 out. 2025.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2025.

JAEGER, Werner. *Paideia*: A formação do homem grego. Tradução Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2023.

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Tradução Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 2007.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007,

MELO NETO, João Cabral de. O cão sem plumas. In: **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

PINHEIRO NETO, José Elias; CAVALCANTE, Maria Imaculada. **O espaço e as mortes em Morte e Vida Severina**. Catalão: UFCat, 2009. Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/lep/article/download/34421/18142/144674. Acesso em: 19 out. 2025.

Tiago Gonçalves Camargo
Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade São Francisco (Brasil)
Grupo de pesquisa Linguagem, Interação e Diálogos em Educação (GPLIDE)
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0005-8357-4425
E-mail: tiago.goncalves.camargo@mail.usf.edu.br

Prof.ª Dr.ª Milena Moretto
Universidade São Francisco (Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de pesquisa Linguagem, Interação e Diálogos em Educação (GPLIDE)
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-1924-1678
E-mail: milena.moretto@usf.edu.br

Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira
Centro Universitário Patos de Minas (Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Pesquisa Observatório de Políticas Públicas (GPOPP)
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Brasil)
Vice-líder do Grupo de Pesquisa sobre Estudos Foucaultianos na Educação (GPEFE)
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-1003-0014
E-mail: carlosilveir@yahoo.com.br

Recebido em 27 jul. 2026
Aceito em 24 ago. 2026

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-ShareAlike 4.0 International License.